

26 OUT 1994

Tucanos não acompanham aliados na briga pelo comando do Senado

O PSDB não deve entrar na briga pela presidência do Senado. O posto é estratégico para o futuro governo, mas a cúpula do partido só vai articular discretamente, nos bastidores, para eleger um homem da confiança do presidente tucano. De olho na maioria parlamentar indispensável ao presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, os tucanos pretendem deixar que os aliados da campanha — PFL, PTB e PP — comprem a briga com o PMDB, preservando o PSDB na disputa.

“Se o PMDB escolher para a presidência alguém da banda podre do partido, o governo será chantageado o tempo todo”, disse um caíque do PFL ao presidente do PSDB, Pimenta da Veiga, resumindo a preocupação dos aliados de Cardoso. “O critério de escolha deve ser primeiro a seriedade e o prestígio político, e depois a questão partidária”, reagiu Pimenta. O PMDB dá como certa a indicação

de um de seus 22 senadores para presidir o Senado e o Congresso, mas PFL, PTB e PP ameaçam se unir em um bloco para quebrar a tradição regimental de entregar o comando do Legislativo ao maior partido.

Poder — O PFL tem lembrado constantemente os tucanos de que um presidente do Congresso não pode salvar o governo de todas as situações difíceis, mas é capaz de colocá-lo em grandes dificuldades. “Quem comanda o Congresso tem enorme poder para atrapalhar”, repete com freqüência o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, em suas conversas. Afinal, é o presidente do Senado quem dirige as sessões do Congresso Nacional. Está em suas mãos a decisão sobre a pauta das medidas provisórias do presidente da República, o momento mais conveniente para se abrir uma sessão de votação e, sobretudo, de encerrá-la. “Ele decide se o melhor

é encerrar a sessão em dois minutos, ou aguardar duas horas pela chegada do quórum”, diz Bornhausen.

Mágoas antigas, dos tempos da Aliança Democrática e da implosão peemedebista que fez surgir o PSDB, aproximam hoje tucanos e pefelistas contra o PMDB. Por motivações diversas, os dois partidos não estão dispostos a aceitar que o Legislativo seja entregue a representantes do grupo quercista, como o ex-governador de Goiás Íris Rezende, nem ao ex-presidente José Sarney (PMDB-AP), que também postula o cargo. Mas a idéia do bloco para quebrar a maioria parlamentar do PMDB no Senado agrada especialmente o presidente do PTB, senador José Eduardo de Andrade Vieira (PR). O senador lançou-se com força total na disputa e conta com a simpatia de Jorge Bornhausen e do próprio Fernando Henrique para presidir o Senado.